TERAPIA FAMILIAR - PSICOANÁLISE SISTÉMICA

José Manuel P. Caldas*

" ...A Família é a única instituição social encarregada de transformar um organismo biológico em ser humano."

William J. Goode

"A Família é um padrão universal do viver humano. É a unidade do crescimento, da aprendizagem e da experiência; do êxito e do fracasso; e também da saúde e da doença".

Natham W. Ackerman

SUMÁRIO: O presente artigo é uma introdução às ideias básicas sobre **Terapia Familiar.** Após uma exposição dos princípios gerais da Teoria Geral dos Sistemas, da consideração da família como um sistema e o sistema familiar como principal unidade de análise, expoêm-se os principais "modelos de operacionalização e intervenção sistémica", através dos quais a Teoria Geral dos Sistemas encontrou a sua aplicação, ou tradução no campo específico da Terapia Familiar. Neste sentido são analisados e descritos sumáriamente três modelos de intervenção: a) transgeracional, b) estrutural e c) estratégico. Estes modelos podem considerar-se como articulados entre si, na medida em que se trata de niveis de análise complementares, ainda que cada um deles possua um conjunto de técnicas específicas.

Palavras-Chave
Família - Mudança - Sistema - Terapia Familiar

SOMMAIRE: Le présent article est une introduction aux idées de base sur la **Thérapie Familiale.** Après un exposition des principes généraux de la Théorie Générale des Systèmes, de la considération de la famille comme un système et du système familial comme principale unité d'analyse, sont exposés les principaux «modèles d'opérationnisme et d'intervention systémiques», à travers lesquels la Théorie Générale des Systèmes a trouvé son application, ou traduction dans le domaine

* Psicoterapeuta.
Investigador do IEDS-UNL. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Doutorando na Universidade de Barcelona.

spécifique de la Thérapie Familiale. Pour cela sont analysés et décrits sommairement trois modèles d'intervention: a) transgeracional, b) structurel et c) stratégique. On peut considérer que ces modéles sont articulés entre eux, dans la mesure où il s'agit de niveaux complémentaires d'analyse, bien que chacun possède un ensemble de techniques spécifiques.

Mots-Clé
Famille - Changement - Système - Thérapie Familiale

ABSTRACT: This article is an introduction to the basic ideas on **Family Therapy**. After presenting the general principles of the General Systems Theory, considering the family as a system and the family system as the main unit of analysis, the principal "operational and system mediation models" are described, by means of wich the General Systems Theory has been applied, or translated to the sppecific field of Family Therapy. To this end a brief analysis and description is made of three mediation models: a) transgenerational, b) structural and c) strategic. These models may be considered interactive as they are complementary analysis levels, although each of them has its own specific techniques.

Key Words
Family - Change - System - Family Therapy.

INTRODUÇÃO

A **Terapia Familiar** estuda os indivíduos enquanto parte integrante de sistemas interpessoais. Sistemas interpessoais, que por sua vez servem de contexto explicativo das condutas. Este enfoque, é uma explicação da denominada **Teoria Geral dos Sistemas (T.G.S.)** no que concerne ao campo do comportamento.

A **Teoria Geral dos Sistemas**, é um modelo abstracto com um nível de generalização tal, que se pode aplicar a diferentes ciências. O que os Psicoterapeutas Familiares fizeram foi tomar os seus conceitos básicos e utilizá-los, adaptando-os ao campo da Terapia Familiar.

Esta nova orientação, não surguiu de um modo fortuito. Trata-se, na realidade, de uma evolução que já se havia delineado em muitos outros campos, e que parte da convicção de que é permente estudar os fenómenos científicos no contexto em que se nos apresentam e se desenvolvem.

Contexto e matriz do desenvolvimento psíquico humano - tanto normal, como patológico - é, por suposto, a Família.

Na família, como em toda a complexidade organizada, existem elementos, mas sobretudo existem relações. O objecto central de estudo da Terapia Familiar, localiza-se em como se ordenam os elementos, em como interactuam dentro do sistema familiar, isto é, na sua rede complexa de relações; na medida em que, são as relações as que constituem e mantêm os sistemas. A ideia base, reside, no facto de que se desmontarmos um sistema, nas suas componentes, este se destruirá. A partir daqui, compreender-se-à fácilmente que estudando isoladamente os componentes de uma família, não poderemos ter a pretensão de alcançar, explicar o sistema familiar.

Para explicarmos os pontos principais do modelo conceptual interaccional, em que se baseia a Terapia Familiar, seguiremos Jay Haley (membro da equipa inicial do Mental Research Institute), um dos elementos mais fecundos dentro deste campo.

Haley (1970), no seu artigo **"Terapia Familiar: uma mudança radical"**, resume as características deste enfoque no que respeita aos três momentos do processo terapêutico: a) **recolha de informação**; b) **processamento dessa informação ao serviço da elaboração de um diagnóstico** e c) **técnicas para a produção de mudanças.**

No que diz respeito ao primeiro ponto ***recolha de informação*** é de ressaltar que neste primeiro momento dar-se-á maior atenção sobre o aspecto situacional, isto é, ao momento actual, atendendo às sequências e modelos de conduta interactiva. O acento da observação recairá sobre os efeitos do comportamento e, a longo prazo, sobre as características estruturais da organização familiar. A nossa pergunta chave que nos leva à investigação é o **para quê** (ou os efeitos) e não o **porquê**, (ou estudo das causas) da conduta que caracteriza as escolas psicoterapêuticas tradicionais. E esta será uma das diferenças fundamentais da **Terapia Familiar** em relação aos outros enfoques, como por exemplo o psicodinâmico: "ao se perguntar pelo porquê instalam-se num posicionamento de causalidade linear, segundo a qual, para se mudar o presente, há que compreender em primeiro lugar as causas do passado; há que analisar, daí se poder afirmar, que as escolas ditas tradicionais são retrospectivas.

O modelo de **Terapia Familiar Sistémica**, abandona este suposto de causalidade linear em favor de uma perspectiva de causalidade circular, porque o que se passa num sistema não depende de como se originou, mas sim, de como se organizou o sistema - o importante, é conhecer os parâ-

metros sobre os quais se baseia e se regula. A história está mediada pela organização, isto é, a história se inscreve na maneira peculiar de organizar-se a familia; o interessante é, pois, estudar a organização da familia. A história converte-se no contexto da organização, não na explicação da organização, do que se passa no momento presente. De facto, pode-se chegar com uma mesma história a organizações similares ou diferentes.

No que concerne ao segundo ponto, a ***elaboração do diagnóstico***, o enfoque individual e familiar divergem, de novo, substancialmente. A conduta sintomática ou problemática poder-se-à considerar aqui como uma resposta adaptativa às circunstÔncias. Como uma modalidade utilizada pelo sujeito sintomático, para inserir-se no sistema ao qual pertence. Uma das regras de ouro de Jackson (1959) é: "Observar o comportamento do paciente identificado e perguntar-se em que contexto essa conduta extravagante e descontextualizada, pode ter sentido, significado". Isto é, qual é o contexto em que uma conduta, que é examinada isoladamente não tem sentido, poderá té-lo nesse contexto concreto. A pergunta diagnóstica poderia ser - Em que contexto é que essa conduta não é sómente uma adaptação possível, mas talvez a única adaptação possível? Ou como diz Haley em artigo intitulado " Que espécie de situação está provocando esta espécie de adaptação?". Merece sobressair aqui, o carácter circular da causalidade: a situação provoca a conduta sintomática e, ao mesmo tempo, é provocada por esta, os comportamentos de cada membro do grupo afectam-se mutuamente, daí que, resulte arbitrário atribuír causalidade linear aos sistemas.

Este modo de interpretar os sintomas, altera automáticamente o acento desde os processos internos do sujeito, em direcção às características do sistema. O sujeito sintomático perde, deste modo, o seu carácter de vítima para se transformar em co-participante de um processo, no qual intervem com uma conduta que, numa consulta tradicional, é descontextualizada do meio envolvente e rotulada como autónoma e patológica de per si.

No que se refere ao terceiro ponto, as ***técnicas para a producção de mudanças***, dado que se define a conduta conflitual, o sintoma ou o problema em termos de pautas de conduta, de sequências de modalidades comunicativas, de parâmetros organizacionais, as expectativas terapeuticas também se centram nesses fenómenos. As técnicas tradicionais, tornam-se óbviamente irrelevantes quando se opera em termos de derivados da Teoria de Sistemas.

Assim, podemos extraír desde já uma primeira conclusão, citando para o efeito Sluzki a propósito da terapia familiar interaccional "Quem aplica

este enfoque fá-lo sobre a base de uma mudança drástica de muitos dos esquemas referenciais da psicoterapia tradicional. A sua aplicabilidade obriga, a constantes revisões e questionamentos, num inesgotável e fascinante exercício, na medida em que, a mudança afecta não só a teoria da tÚcnica terapeutica, mas tambÚm a teoria da enfermidade mental ou ainda o próprio conceito de doença mental" (Sluzki, 1973,p.81).

1. A Teoria Geral dos Sistemas: Os Sistemas Abertos e suas Propriedades

Usualmente define-se sistema como um complexo de elementos em interacção. Von Bertalanffy (1968) postula a existência de duas espécies de sistemas: abertos e fechados. Os primeiros nos quais se incluem a família, caracterizam-se pelo intercâmbio material, energético e informativo com o meio circundante. Quando não existe esta característica estamos perante um sistema fechado (exemplo de sistema fechado seria uma reacção química que tenha lugar num recipiente isolado e fechado). Os sistemas abertos têm três propriedades: ***totalidade, retroalimentação e equifinalidade.***

A propriedade de totalidade faz referência a que cada uma das partes de um sistema está relacionado de tal modo com as outras que uma mudança numa delas provoca uma mudança em todas as demais. Isto significa que um sistema se comporta como um todo inseparável e coerente e não como um simples composto de elementos independentes. Deste conceito de totalidade poder-se-ão derivar, desde logo, duas consequências: a) a não-somatividade (conceito psicológico de Gestalt): um sistema não pode entender-se como a soma das suas partes; e b) a inexistência de relações unilaterais entre elementos, isto é, está em contradicção com o princípio de totalidade o facto de que **A** pode afectar **B**, mas não vive-versa.

A partir da propriedade de totalidade e das sua implicações, a circularidade e a retroalimentação constituem o modelo adequado para uma **Teoria Geral dos Sistemas.**

No que concerne à terceira propriedade, segundo Bertalanffy (1968) a estabilidade dos sistemas abertos caracteriza-se pela equifinalidade. Isto é, que idênticos resultados podem ter origens distintas e diferentes resultados poderão ser produzidos pelas mesmas causas; porque o ponto fulcral e decisivo nos sistemas abertos, não é a sua origem mas a natureza da sua organização. Enquanto os sistemas fechados estão determinados pelas

condições iniciais, os sistemas abertos podem alcançar um estatuto independente das condições iniciais, na medida em que este, é unicamente determinado pelos parâmetros do sistema. A melhor «explicação» para um sistema fechado, poderá ser encontrado nas circunstâncias iniciais; opostamente, no caso dos sistemas abertos, o estudo da organização actual do sistema será a metodologia adequada que deverá seguir-se para se o explicar.

2. A Família como Sistema

O nosso pressuposto conceptual é que a família, como toda a organização complexa, é um sistema estável e que os sistemas estáveis mantêm parâmetros básicos dentro de certos limites.

Na família, como em todo o sistema aberto, encontramos as propriedades que os caracterizam: (Watzlawick, 1968) - a conduta de cada individuo dentro da família está relacionada com a dos outros e depende dela (totalidade). A análise de uma família não é a soma da análise dos seus membros individuais; há características do sistema - padrões ou parâmetros interaccionais - que transcendem as qualidades dos membros individuais (não-somatividade). Enquanto a familia está organizada, e os parâmetros têm um certo grau de estabilidade e regulam a organização, por diferentes caminhos e de diferentes maneiras podemos chegar ao que se chamam «resultados similares» (equifinalidade). Finalmente, se o que se passa num sistema não depende de como se originou, mas sim, de como se organizou o sistema, o importante é conhecer os parâmetros sobre os quais se funda e regula. Desde logo, o modelo de causalidade linear perde o seu interesse e sómente a causalidade circular e a retroalimentação constituem, como já havíamos referenciado, o modelo adequado para uma **Teoria Geral dos Sistemas.**

Nos sistemas sociais, a capacidade de mudança, de forma relativamente rápida, é condição sine qua non, para a sobrevivência do próprio sistema. Se observarmos o tempo que as espécies animais levam a realizar mudanças adaptativas e o tempo que os individuos e/ou a sociedade levam a transformarem-se, somos levados a inferir que o tempo social é muito mais reduzido, porque isso está na natureza da adaptação humana. A capacidade de mudar e de se transformar é, pois, um atributo central para a sobrevivência dos sistemas sociais. Por esta razão, quando falamos de determinado grau de estabilidade ou de homeostasia num sistema - no caso presente o familiar - não queremos dizer que «esta família se mantém igual a si

mesma», mas sim do atributo que é «manter-se organizada». O que permanece constante é a organização (se desaparece a organização acaba-se a família), contudo a forma especial que toma a organização de uma família deve mudar necessáriamente. Analisando simplesmente na dimensão evolutiva, torna-se evidente, por exemplo, que a família do tempo da infância tenha que ser necessáriamente diferente da família do tempo da adolescência. Os mecanismos de retroalimentação podem ser negativos ou positivos: os de retroalimentação ou feedback negativo dão-nos conta da estabilidade, na medida em que todas as famílias que permanecem unidas devem caracterizar-se por um certo grau de retroalimentação negativa a fim de suportar as tensões impostas pelo meio e pelos membros individuais.A aprendizagem e o crescimento na família são, pelo contrário, efeitos que estão mais próximos da retroalimentação positiva.

Quando o psicoterapeuta observa o sistema familiar deve centrar-se, por um lado, no pattern, nas regularidades; e por outro lado, nas variações, nas flutuações, (Prigogini, 1976), porque se as primeiras nos permitem conhecer qual é a forma de organização actual da família, a partir das variações podemos estabelecer as possíveis intervenções terapêuticas.

3. Os Modelos Intermédios em Terapia Familiar

Ácerca de trinta anos deu-se um enorme passo ao se reconhecer que a unidade terapêutica era a família nuclear, e não sómente o indivíduo. Daí que resulte que um problema incluí não sómente o seu universo mais restrito, como também o círculo mais vasto da sociedade. Desde logo surgirá uma dificuldade inerente a todos aqueles que trabalham com a Teoria dos Sistemas, a de encontrar onde radica a fronteira entre o microsistema e o macrosistema, onde termina o sistema e começa o meio ambiente.

Partindo de um mesmo modelo geral - a Teoria Geral dos Sistemas - o campo da Terapia Familiar tem-se vindo a caracterizar desde o início, pelo desenvolvimento de modelos ou constructos intermédios, isto é, chama-se «intermédios» na medida em que não são modelos de base, mas processos de operacionalização do modelo geral, todavia, a conceptualização sistémica de base é comum a todos os constructos, quer sejam matizados pela psicanálise, pelo comportalismo ou pela filosofia existencialista.

Os três modelos intermédios fundamentais a que nos referiremos são os centrados nas perspectivas: a) transgeracional; b) estrutural; e c) estratégica.

A) Via Transgeracional

Este modelo é principalmente ilustrado pelos trabalhos de **Boszormenyi-Nagy, Bowen e Whitaker.**

Consiste numa análise da transmissão da cultura familiar, de uma geração para outra, tendo em atenção: os padrões, estilos, costumes, segredos, mitos e problemas que determinam o estilo caractereológico de uma família (Lieberman,1979). Colocando o assento sobre as relações "verticais" (intergeracionais), que são os elementos básicos da mudança, e que deste modo são muito mais importantes que as relações ditas "horizontais" (casal, fratria).

Nesta perspectiva, o terapeuta não restringe a sua avaliação e a sua acção terapeutica aos membros da família nuclear, mas estende-os à família de origem e a toda a família alargada, sob várias gerações. Mesmo os membros ausentes ou longínquos deverão ser tomados em linha de conta (Salem,1990).

É de salientar nesta via o modelo de **Bowen**, pelo facto de tomar em linha de conta os processos de propagação transgeracional de irracionalidade e o grau de diferenciação do "**self**". As configurações triangulares são avaliadas segundo o grau da sua instabilidade emocional - recorde-se que Bowen define sistema emocional como "qualquer coisa que está em contacto com processos celulares e somáticos" (Sampaio e Gameiro,1985) - e segundo o modo de propagação de um triângulo - triângulo corresponde à configuração emocional que envolve três pessoas e que é considerada como base de qualquer sistema emocional, incluindo o familiar (...) As famílias são vistas como constituindo uma série de triângulos que se entrecruzam e cuja composição depende do grau de ansiedade e tensão presente em cada momento. (Sampaio e Gameiro,1985) - a outro. Para ele, a função do terapeuta consiste em favorecer as confrontações dos membros em presença (evitando, ele mesmo, de se deixar triangular) ou enviá-los a outros membros, ausentes da sessão, com a "missão" de clarificar um conflito até aí evitado, ou ainda, restabelecer uma relação recentemente interrompida "cut-off". Segundo esta via, o sistema familiar, modifica-se por etapas, diminuindo a intensidade das implicações triangulares e favorecendo a autonomia de cada um dos seus membros.

B) Via Estrutural

Quando se fala da perspectiva estrutural, geralmente os autores referem-se a **Salvador Minuchin**, na medida em que este põe o assento sobre as

modificações da estrutura do sistema familiar. Para ele a estrutura de uma família é como Forum Sociológico um conjunto de necessidades funcionais que organiza o modo como os elementos da família inter-agem (Minuchin,1974). Assim sendo, a família é conceptualizada, como um puzzle de constelações internas, delimitadas por fronteiras "bounderies" que desenham diversos tipos de alinhamento "alianças e coligações" e que determinam, por exemplo, até que ponto o sistema familiar é "engrenado" ou "deslocado".

O objectivo da terapia estrutural é justamente o de alterar a estrutura disfuncional da família, através da criação pelo terapeuta de um contexto que leva a família a reorganizar-se de um modo diferente (Sampaio e Gameiro,1985), o mesmo é dizer, modificar os códigos reguladores que sustentam os padrões relacionais disfuncionais. Neste sentido o psicoterapeuta, deve aproveitar-se do desiquilíbrio passageiro existente no sistema familiar, ou então provocar um desiquilíbrio, de modo a desencadear uma crise. Seguidamente, o terapeuta aplicar-se-à na clarificação de fronteiras pouco delineadas e na flexibilização das fronteiras rígidas, favorecendo uma repartição mais funcional e melhor adaptada aos papeis, reforçando a aliança parental, desmantelando as coligações e os triângulos patológicos. A introdução destas mudanças "terapeuticas" permitirão à família vivenciar novos códigos reguladores que serão mantidos após a terapia e favorecerão a sua evolução natural nas melhores condições. A terapia familiar estrutural é uma terapia activa, - em que o terapeuta intervém em transacções determinadas, características da estrutura familiar, (Sampaio e Gameiro,1985) - como se poderá provar pelo conjunto de técnicas de intervenção, aqui especificadas.

C) Via Estratégica

A escola Estratégica, reagrupa diversos conceitos e métodos terapeuticos que podemos atribuir quer a **Jay Haley, Mondanes, Mara Selvini Palazzoli** ou ao grupo de **Palo Alto**, e em alguns aspectos (utilização das constelações triangulares) a **M. Bowen.**

A perspectiva Estratégica contrariamente à via Estrutural de Minuchin, que parte de uma noção abstracta de estrutura familiar e trabalha no sentido, primeiro de a conhecer, depois de a alterar, os estratégicos começam a partir de um problema muito específico, que de uma forma geral, está intimamente relacionado com o pedido da família (Sampaio e Gameiro, 1985). A preocupação básica do psicoterapeuta de orientação estratégica é

detectar a cadeia de interacções que perpetua o comportamento sintomático.

Como se poderá ver pela raíz etimológica do vocábulo "estratégia", aqui a terapia, assemelha-se a um jogo estratégico semelhante ao jogo de xadrez ou à arte militar, no sentido em que a relação terapeutica e as relações intra-familiares são consideradas sob a perspectiva das relações de poder. Os sintomas individuais e as disfunções interacionais são conectadas directamente às regras homeostáticas que lhe são subjacentes. A tarefa do terapeuta consiste em identificar tais regras e frustrá-las, através de um conjunto de manobras hábeis, a maioria das vezes de uma forma subtil e indirecta, recorrendo intencionalmente a atitudes e directivas paradoxais, fazendo éco dos arranjos paradoxais do próprio sistema familiar. O terapeuta esforça-se por manter uma posição "Meta", ou seja colocando-se num nível lógico superior, que lhe permita descodificar os "jogos sem fim" e as regras relacionais que os membros da família aplicam entre eles e consigo próprio. Comenta estas regras, indo mesmo até ao ponto de as prescrever de uma forma paradoxal, apostando na hipótese que o sistema familiar faça o contrário, apenas para o desqualificar. Constata-se, que se trata aqui de um recurso a tácticas frequentemente escondidas: as conotações positivas ou as prescrições do sintoma não têm a mesma significação lógica para o terapeuta e para a família.

CONCLUSÃO

A Terapia Familiar representa no momento actual, um dos mais fecundos modelos de intervenção na área da saúde mental, quando se trata de intervir em famílias bloqueadas por uma crise sócio-psicológica. "A Terapia Familiar não é uma terapia da família, mas com a família, isto é, diz respeito sobretudo a um modelo de trabalho familiar, não estando nos seus propósitos adaptar famílias a uma definição preestabelecida".(Sampaio, 1984). A abordagem sistémica é, condição sine qua non, para a compreensão e resolução de todas as problemáticas disfuncionais que envolvam o ecosistema interaccional. A anorexia mental e as diversas formas de psicoses na Adolescência, nas quais, os papeis das relações familiares, parecem ter um contributo essencial para desenvolvimento destas afecções, são algumas das indicações para a aplicação deste tipo de terapia.

REFERÊNCIAS

Bertalanffy, Von L. (1968) - **General Systems Theory**. New York, George Brazilier.

Haley, J. (1970) - "Terapia Familiar: Un cambio radical" in: Sluzki, C. **Patologia y Terapeútica del Grupo Familiar**. Buenos Aires, Acta.

Jackson, D. (1959) - "Family Interaction, familiy Homeostasis and Some Implications for Conjoint family Psychoterapy" in: Grune and Stratton,**Individual and Family Dinamics**. New York., J. Masseman Ed..

Martí-Tusquets, J. L. (1982) - **Psiquiatria Social**. Barcelona, Herder.

Prigogine, I. (1976) - "Order through fluctuation: self organization and social system". in: Jantsch y Waddington,**Evolution and Consciousness: Human Systems in Transition**. Mass., Addison-Wesley.

Salem, G. (1990) - **L'Aproche Thérapeuthique de la Famille**. Paris, Masson.

Sampaio, D. (1984) - "Terapia familiar sistémica" in:**Acta Médica Portuguesa**,5:67-70.

Sampaio, D. e Gameiro, J. (1985) - **Terapia Familiar**. Porto, Ed. Afrontamento.

Sluzki, C., (1973) - "El enfoque interaccional como uma perspectiva de la acción psiquiátrica" in: Grimson, W.R. **Nuevas Perspectivas de la Acción Psiquiátrica**. Buenos Aires, Nueva Visión Ed..

Watzlawick, P. (1968) - **Teoria de la Comunicación Humana**. Barcelona, Herder (1981) 2ª.Ed.